

# PRÁTICA DE LEITURA PARA TEXTOS BEM ESCRITOS

Flávia Tonissi Ferreira<sup>1</sup>

Bruna da Torre Rodrigues<sup>2</sup>

Juliana Vechi<sup>3</sup>

## Resumo

O relato de experiência foi resultado de situações de leitura e escrita realizadas com alunos do 2º ano do ensino fundamental I, em São Paulo. O objetivo do trabalho foi fazer com que os estudantes entrassem em contato com a leitura de bons livros, de diferentes gêneros textuais, para que refletissem sobre os diversos estilos de escrita, ajudando-os a pensar sobre a maneira de escrever e ler para assumir uma posição crítica. Buscamos referenciais teóricos nos estudos de Teberosky (1986), Ferreira (1986) e Lerner (2002), que concebem a escrita como sistema de representação em que a criança é um sujeito ativo nas relações que estabelece com a cultura letrada também vividas na escola, que são indispensáveis ao exercício da sua função social. As situações didáticas foram realizadas a partir do levantamento das necessidades de descrever personagens e cenários com maior repertório linguístico. A sala de aula tornou-se um espaço para a leitura compartilhada e análise de textos com qualidade, em que os educandos trocaram percepções sobre as marcas de cada autor. A proposta foi desenvolver um olhar crítico e atento durante os momentos de leitura e produções escritas. Este material foi evidenciado pelas observações da professora e na análise de vídeos para reflexões e tomadas de decisões para um novo replanejar das ações. O trabalho teve como resultado o aprimoramento das produções escritas dos alunos com maior riqueza de detalhes, expressões e vocabulário, pois o ato de ler bons textos auxilia o desenvolvimento de procedimentos de revisão, percebendo que os registros escritos não se encerram em uma primeira versão e a importância de revisá-los diversas vezes para suprimir ou acrescentar informações na busca de um texto bem escrito.

**Palavras-chaves:** ler; analisar; escrever; revisar.

## Introdução

Este artigo apresenta as práticas de leitura e escrita vivenciadas por alunos do 2º ano do ensino fundamental I. A questão que norteou este trabalho foi: como escrever bons textos e quais as práticas de leitura que ajudariam nessa escrita? A intencionalidade pedagógica envolvendo a leitura e a escrita partiu da exploração de vários tipos de

---

<sup>1</sup> Graduada em Desenho Gráfico pela FASM-SP e em Pedagogia pela Faculdade Claretiano. [flatonissi@hotmail.com](mailto:flatonissi@hotmail.com)

<sup>2</sup> Pós-graduanda em Neurociência Aplicada à Educação pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. [datorrebruna@gmail.com](mailto:datorrebruna@gmail.com)

<sup>3</sup> Pós-graduada em Psicopedagogia pela PUC-SP e graduada em Pedagogia pela FE-USP. [julivechi@gmail.com](mailto:julivechi@gmail.com)

- Professoras do 2º ano do ensino fundamental I no Colégio Emilie de Villeneuve.

narrativas e de diversos contextos de produção, em situações distintas do uso das linguagens. Assim, os alunos desenvolveram diferentes formas de sentir, pensar e agir. É preciso reconhecer os conhecimentos linguísticos que os discentes já possuem e propor investigações sobre aspectos específicos que se quer trabalhar ou atingir, contribuindo, assim, para a ampliação dos conhecimentos de leitura e escrita.

Escrever é um ato complexo e depende de empenho, dedicação, compromisso, seriedade e desejo de acreditar em algo que se tenha a dizer e que vale a pena ser escrito para compartilhar. Elaborar uma boa versão necessita de um olhar atento a cada detalhe e de ensaios que cabe ao professor oferecer.

Além disso, escrever é um procedimento e o talento da escrita nasce da frequência com que ela é experimentada. O professor deve ser um bom mediador, acreditar na capacidade dos seus alunos e apresentar propostas que os provoquem a pensar e buscar recursos para encontrar soluções para os desafios lançados. Para que a leitura também se torne um objeto de aprendizagem, é necessário que o aluno atribua sentido àquilo que realiza, tendo um propósito que ele reconheça e valorize.

Um ambiente de aprendizagem que visa desenvolver a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico das crianças oferece a oportunidade de aprender por meio da exploração, do questionamento e de conjecturas, no qual o professor realiza intervenções oportunas e ponderadas para orientar a aprendizagem e estimular interações e debates de qualidade frente aos textos apresentados. Sendo assim, o espaço deve fornecer estruturas e andaimes para que todas as crianças possam adquirir as habilidades de "aprender a aprender" (WALLACE, 2001). Se aceitarmos que a inteligência não é fixa (FEUERSTEIN *et al.*, 1980) e que a capacidade de aprendizagem das crianças pode ser melhorada, por meio de intervenções adequadas, dentro de um ambiente capacitador, isso trará possibilidades para uma criação mais ativa por parte dos estudantes.

A leitura de diferentes textos de inúmeros autores pode ser utilizada em diversas situações em sala de aula frente a um mesmo propósito. Para tanto, deve-se levar em conta os objetivos de ensino-aprendizagem e a complexidade de sua função social. Dessa forma, o aluno cria repertório de um processo desenvolvido, progressivamente, não somente durante a vida escolar, mas por todo o percurso do indivíduo como autor. O objeto a ensinar e a aprender, a escrita, é uma atividade complexa, que vai do gesto gráfico à planificação, que envolve a textualização e a revisão (DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010). Os autores ainda pontuam que

A aprendizagem da produção escrita é uma das finalidades fundamentais do ensino das línguas. A descoberta da escrita e das possibilidades de entrar em comunicação com os outros por escrito faz parte dos objetivos prioritários do Ensino Fundamental. O *saber-escrever* em todas as suas dimensões, se desenvolve progressivamente em todos os níveis da escola obrigatória e é um constituinte do êxito escolar de todos os alunos, sem falar no importante papel que desempenha na sua socialização. Aprender a produzir uma diversidade de textos, respeitando as convenções da língua e da comunicação, é uma condição para integração na vida social e profissional. (DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010, p. 13).

Para a formação de leitores e escritores nos anos iniciais é preciso criar uma metodologia que implica em uma organização de um caminho a ser percorrido para atingir o objetivo proposto.

### **Práticas em sala de aula**

Reconhecendo a importância das práticas de leitura para textos bem escritos, compete ao educador apreciar e selecionar o acervo literário infantil, proporcionando aos alunos contato com materiais de maior qualidade e que estimulem a interpretação, o desvelamento do sentido escondido, palavras novas, a formação de imagens mentais que sirvam de repertório para narrativas de autoria.

Tendo em vista esse eixo central, estabelecemos uma rotina de leitura na qual os estudantes, em um primeiro momento, foram convidados a ouvir e se deliciar com histórias contadas pelo professor. Para que esse exercício ganhasse sentido no processo de aprendizado do educando foram propostos novos desafios em que, com os textos em mãos, perguntas potentes elaboradas pelo professor direcionaram uma leitura com significado e análise dos recursos linguísticos usados por autores consagrados. Segundo Lerner (2002),

A leitura é antes de mais nada um objeto de ensino. Para que também se transforme em um objeto de aprendizagem, é necessário que tenha sentido do ponto de vista do aluno, o que significa – entre outras coisas – que deve cumprir uma função para realização de um propósito que ele conhece e valoriza. Para que a leitura como objeto de ensino não se afaste demasiado da prática social que se quer comunicar, é imprescindível “representar” – ou

“reapresentar” –, na escola, os diversos usos que ela tem na vida social. (LERNER, 2002, p. 79).

Os alunos, durante o 1º semestre, realizaram a leitura de capítulos do livro *A Fantástica Fábrica de Chocolates*, de Roald Dahl. Como havia uma proposta para o dia das mães, na qual os estudantes tinham que descrever as características da sua mãe, foi escolhido um capítulo do livro citado, que trouxe muitos elementos para repertoriá-los nessa tarefa. Com o texto em mãos, tiveram o desafio de ler e grifar as palavras e expressões usadas pelo autor para descrever a personagem principal da história. A partir de uma discussão coletiva, trouxeram as impressões acerca do texto, discutiram com os colegas e por meio das perguntas potentes da professora, refletiram sobre as diferentes maneiras usadas pelo autor para construir, na imaginação do leitor, as características da personagem. Após essa discussão, os textos de autoria sobre as mães ganharam um repertório mais elaborado, com comparações e vocabulário mais refinado.

Esse trabalho se repetiu durante todo o ano, com a leitura de textos selecionados pelo professor, de acordo com as necessidades de escrita do grupo e os objetivos bimestrais de aprendizagem.

Dessa forma, o trabalho com os textos de qualidade literária proporcionou diferentes momentos de leitura, nos quais reconheceu-se a importância de revisitar os capítulos da obra selecionada. Os alunos lapidaram o olhar atento, envolveram-se com a busca de repertório e marcas de cada autor, que serviram de elementos para as narrativas de autoria.

## **Conclusão**

O resultado do trabalho desenvolvido, por meio de diferentes propostas, reverberou em registros escritos nos quais existiram etapas fundamentais, em que os educandos puderam se apropriar dos procedimentos de leitor e escritor. A escrita de textos coletivos e intervenções sistemáticas fizeram parte do processo. Só assim os alunos escreveram com um vocabulário mais amplo, maior riqueza de detalhes, com comparações, metáforas e hipérboles.

Ao analisar os registros escritos pelos estudantes, ficou visível o quanto se preocuparam em utilizar novas palavras e expressões que deixaram os textos mais sofisticados e com a marca de cada um.

Pensar em um texto coletivo para a descrição da sala de aula fez com que os alunos estabelecessem estratégias que fizeram com que o leitor se encantasse com essa descrição.

Um exemplo disso é que alguns alunos insistiram em usar palavras mais simples, utilizadas na realidade deles, como “legal”, e os próprios colegas instigaram-nos a pensarem em outros termos que substituíssem esse vocabulário. Isso foi possível por meio da mediação do professor, com perguntas que os levaram a analisar o texto novamente: "Como o autor faz para contar que essa sala tem muito chocolate?", "Qual parte do texto e que palavras ele usa para mostrar a quantidade de chocolate existente?", "E como o autor faz para descrever como estavam os pais e as crianças que visitavam a fábrica?".

A partir disso, em propostas posteriores, mostraram-se capazes de perceber a variedade de recursos linguísticos utilizados pelo autor e que duas ou mais palavras podem ter o mesmo significado. No trecho abaixo, descreveram as salas de aula dos 2º anos, e substituíram "boca aberta" por "queixo caído", após concluírem que tinha o mesmo sentido.

As salas têm milhares de livros sensacionais, interessantes, maravilhosos, extraordinários, os melhores do mundo e incríveis. Vocês ficariam impressionados, com o queixo caído, paralisados, com os olhos arregalados e perplexos, ao visitarem o 2ºano.

É possível, portanto, sustentar a afirmação de que o aprendizado pelas diferentes vivências é uma ferramenta importante para o desenvolvimento, uma vez que se sabe que nenhuma aprendizagem ocorre na ausência de curiosidade e novidade. O processo de aprender acontece quase que como uma trilha, um jogo de tabuleiro. As etapas, o ir e vir do dado é o que ensina ao jogador como aprimorar cada vez mais seus recursos. Quando o professor entende qual o diferencial de se ter um aluno atuante, a construção do conhecimento acontece de maneira diferenciada, por isso é tão importante pensarmos na postura, envolvimento e estudo deste mediador no processo de ensino-aprendizagem.

## **Referências**

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane.; DECÂNDIO, Fabrício. Produção escrita e dificuldades de aprendizagem. Tradução de Fabrício Decândio e Anna Rachel Machado. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

FERREIRO, Emilia. Com todas as letras. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.